

Não vae, porém, além desses conhecimentos muito rudimentares a idéa que nós, povo, fazemos da herança morbida. Talvez disso decorra o facto de, por ignorancia, nunca tentarmos corrigir um defeito que vem de longe. E esses são justamente os mais perigosos.

Entre as causas da hereditariedade ancestral ou atavismo, destacamos, como sendo as mais graves, além de outras, o alcool e a syphilis, porque o descendente de um alcoolista ou de um syphilitico, guardando as anomalias da constituição physica ou mental de seus ancestraes, d'elles sempre se differenciam, entretanto, para peor.

E sobre o alcool, que é justamente o que hoje nos interessa, as pesquisas scientificas mais escrupulosas chegaram á seguinte conclusão: — „Causando innumeraveis desordens aos bebedores, as terriveis consequencias a que está sujeita a sua descendencia, são, segundo Morel, a depravação moral e o heredo-alcoolismo para a primeira geração; a embriaguez habitual, a mania, o amollecimento cerebral, para a segunda geração; a hypochondria ou tristeza e a tendencia ao suicidio, para a terceira; e, finalmente, a imbecilidade, o idiotismo, a esterilidade e a extincção da familia na quarta geração.”

A degenerencia alcoolica, porém, nem sempre decorre do vicio de um dos paes, nem da tara hereditaria de que, porventura, seja portador; mas sim de um estado transitorio ou passageiro, de ambos ou um só dos paes, no momento da concepção.

Talvez isto explique a existencia de familias inteiras de individuos perfeitamente normaes, com um só elemento que sahio anormal, „sem se saber porque.”

Tambem este é um facto já do dominio popular, que creou na França, para as creanças com perturbações mentaes concebidas em dias de grandes libações, as designações de „enfants du dimanche” e „enfants du jour de nocces.”

Os Belgas designavam sob o nome de „Samstags-Kinder” as creanças concebidas no sabbado, dia de pagamento, e que são, frequentemente, debeis mentaes ou epilepticas.

Da herança alcoolica, portanto, eu penso ter dito o bastante, para me fazer comprehender na série de raciocinios que vamos, juntos, desenvolver: —

Se nós administrarmos um calice de vinho ou de qualquer

alcool a uma mulher que esteja em trabalho de parto e, alguns minutos depois deste realizado, examinarmos o sangue do cordão umbelical do recém-nascido, veremos que neste sangue existe uma porcentagem de alcool quasi igual á porcentagem existente no sangue da parturiente.

Ora, se as cousas se passam assim, com uma insignificante dose ministrada poucos minutos antes do nascimento, que será do organismo fragil de uma creança em formação, quando, desde o seu inicio, venha a soffrer as consequencias maleficas do alcool, que, por via indirecta, neste caso, da mãe, lhe é ministrado? Ou, o que é ainda mais grave, quando a cellula mater do futuro embrião venha já impregnada do alcoolismo paterno? A resposta a esta pergunta é de uma logica tão palpavel, que eu deixo a vós mesmos o cuidado de responder-a. Basta que procureis ligar a uma causa determinante qualquer, seja a syphilis, a tuberculose e, principalmente, o alcoolismo, o sequito enorme de degenerados physicos ou mentaes, que diariamente vemos por ahí, desde o simples labio lepurino e a guéla de lobo, até á mais completa parada do desenvolvimento cerebral, que caracteriza a idiotia absoluta.

Do ponto de vista eugenico, isto é, com relação ao aperfeçoamento physico e mental da especie, eu pretendo ter dito alguma cousa para, senão provar, ao menos trazer a alguns de vós a desconfiança de que o alcool já não é áquelle Deus venerado a que se outorgavam as qualidades mais amplas, quer therapeuticas ou medicamentosas, quer estimulantes ou nutrientes.

Ha, porém, um outro aspecto em que elle, como veneno social, deve impressionar profundamente áquelles que, paes sobretudo, ou maridos, têm, como dever primordial de homens: — zelar pelo nome da familia para transmittil-o dignamente á posterioridade.

E o homem que bebe não poderá nunca tentar essa realização, sem o risco de estigmatizar a sua descendencia, com uma tara de desmoralização e perversão do character.

Não julgueis que eu lanço uma affirmativa infundada; baseio-me na expressão de um notavel estadista inglez, expressão essa que tem a força de um axioma: —

„Mais que a fome e a peste, dizia Gladstone, o alcool dizima; mais que a guerra mata; e faz mais do que matar: — deshonra!”

Para Afranio Peixoto, as victimas do alcoolismo, além de todas as desditas que as perseguem, levam mais esta: — „vão para o hospício, mais dias menos dias, ás vezes (notae bem) pelo caminho da prisão.”

Na opinião de Morel, um dos caracteristicos essenciaes do heredo-alcoolismo é a depravação moral.

Aliás, isto já está hoje scientificamente demonstrado, e quem nos vae auxiliar nesta pequena digressão perante vós é o Commandante Richmond Pearson, ex-membro do Congresso e da Marinha Norte-Americanos. Diz esse notavel observador social: „As forças moraes evolutivas mais profundas no homem são: — o conhecimento de Deus, o sentimento do bom e do mal, o amor, a abnegação, o dominio de si mesmo e a noção do dever.

Como se provou já, o plasma ou substancia elemental, composta em sua maior parte de agua e proteina, constitúe a base physica de todas as fórmãs vitaes e da evolução da vida, nas plantas, nos animaes e no homem. Do momento em que o alcool ataca esse plasma elemental, *absorvendo* a agua e *coagulando* a proteina, seus efeitos têm que produzir, forçosamente, desgraçadamente, a desagregação dos compostos cellulares e um retrocesso para fórmãs mais simples, detendo assim a nova evolução e precipitando prematuramente os processos de dissolução.⁽²⁾

Tudo que acabo de dizer refere-se aos filhos do alcoolista. Eu não saberia, porém, terminar esta serie de considerações, sem que acompanhasse comvosco, ainda um pouco, o que o alcoolismo é para o proprio bebedor. A predilecção do alcool pelo systema nervoso é do dominio popular, talvez, na expressão muito em voga, quando se quer desprestigiar a alguem que tenha errado ou commettido um acto pouco elogiavel: — „Você hoje não está bom!” „Com certeza bebeu um pouco demais.” E ha quem accrescente: „Cuidado com o Juquery.”

De onde se infere que o alcool, lesando o systema nervoso central, não está longe de accometter o homem no que

(2) Esta demonstração pode ser facilmente levada a effeito, mergulhando-se em alcool a gemma ou a clara de um ovo. Ao fim de certo tempo, apresentam-se como que cozidas. Para se abreviar a operação, póde-se mexer a mistura com uma espatula ou uma colher. Costuma-se usar de preferencia uma pinga commum, que é entre nós o alcool mais divulgado.

elle tem de mais nobre, como sentimento de honestidade, de pudor, de moral e até de asseio.

„O primeiro facto que no theatro ou nas novellas denuncia uma quêda moral é o „gole,” diz o Professor Hobson. E o autor sabe que depois d'elle, o publico terá por muito natural a transformação mais subtil e radical na conducta do personagem. Os instigadores do crime não poderiam existir sem o alcool, seu principal instrumento. O mercador de mulheres desapareceria, se desaparecesse a industria do alcool.”

„Da mesma fôrma porque se admite que uma intoxicação alcoolica casual produz transtornos moraes passageiros, deve-se aceitar que o habito de beber é a causa e a explicação do desequilibrio e da vida criminal, resultado d'aquelle.

Isto se deve, não só ao facto de que a vóz da consciencia se abafa com o tumulto causado pelo alcool, e de que o tecido nervoso, muito delicado e sensível, associado aos sentidos moraes mais elevados, se paralysa rapidamente pela acção do veneno. Tambem as actividades do sentimento moral estão intimamente associadas ás outras faculdades mentaes: — a memoria, a intelligencia, a vontade. Todas ellas se resentem seriamente dos efeitos do alcool, sendo essa desordem uma das causas poderosas e indirectas das cahidas, das fraquezas, da degeneração moraes.” Hobson, pag. 97.

Ainda sob este ponto de vista moral é simples qualquer averiguação pessoal. Qual de vós reconhece na palavra de um alcoolista o sentimento de dignidade, que deve preponderar na auréola de um homem que tem brio e que tem honra?

* * *

Eis ahi, meus senhores, em largos traços, o quadro clinico social que o alcoolismo me suggere, como contribuição para esta campanha de hygiene mental, em que vós e eu não devemos ser mais do que proselytos ardorosos e confiantes.

Não sei se a minha palavra terá commovido ou convencido a alguém; desinteressa-me esta averiguação, porquanto a duvida de ha pouco já se desvaneceu de todo: — não preciso mais do que a vossa presença e a vossa attenção, durante tanto tempo aqui desperdiçadas, para que esteja eu mais do que certo, completamente convicto de que, pelos ferroviarios

paulistas, se levanta hoje o grito de guerra contra o maior inimigo de nossa nacionalidade.

Basta, para a victoria final, que seja conjuncta e persistente a nossa actividade no combate.

Oliveira Vianna já o disse: — „Sem organização e sem espirito de cooperação, as classes valem pouca cousa; valem pouco menos que os individuos isolados: a força de qualquer classe economica ou não economica reside na sua solidariedade. Força moral, força politica!”

O amparo dos ferroviarios paulistas para esta jornada de hygiene social fal-a-á victoriosa, forçosamente, porque são tradicionaes em vós esse espirito de solidariedade e força moral de que nos falla o sociologo patricio.

E a razão é esta sufficiente, para que eu me sinta confiante em que mais uma grande victoria alcançaremos nesta longa e penosa jornada, e em que nos vossos corações de brasileiros está, de ha muito, inscripta a certeza de que, lutando, cada vez com maior entusiasmo, pelo desenvolvimento eugenico da raça, vós haveis de constituir, sem duvida nenhuma, credores, hoje, das bençãos immorredouras de amanhã!



Venenos sociaes (*)

— O FUMO E O ALCOOL —

PELO

Dr. A. C. Pacheco e Silva

Meus jovens amigos:

Numa associação como esta, constituída pela fina flôr da mocidade de S. Paulo, que aqui se congrega visando cultivar a saúde do corpo e do espirito, por certo não será o local de escolha para se proceder a uma campanha contra os venenos sociaes.

Justifica-se, entretanto, a conferencia de hoje, em virtude do seu autor buscar não grangear proselytos entre vós, que sois todos abstemios, mas sim incitar-vos a cooperar nesta cruzada benemerita, cujo objectivo principal consiste em preservar os nossos compatriotas dos perigos que offerecem os venenos sociaes, cada vez mais diffundidos.

Não se diga que estas campanhas de nada valem; ainda agora, no Congresso Federal, o eminente brasileiro Afranio Peixoto acaba de apresentar um projecto que consubstancia medidas de grande eficiencia no combate ao alcoolismo. Nenhum brasileiro, conscio dos seus deveres para com a comunidade social, poderá permanecer indifferente a uma lei cujos resultados virão beneficiar a milhares de compatriotas da actual e das futuras gerações.

Mas, meus jovens amigos, os que desejam cooperar effizantemente nesta cruzada contra os venenos sociaes necessitam, antes de mais nada, dar com o proprio exemplo o testemunho da sua força de vontade, não se entregando a vicio algum, por mais innocuo que pareça.

Ha, infelizmente bastante generalizado na nossa mocidade, o habito de fumar, contrahido via de regra na adolescencia, no periodo de formação physica e intellectual, cujos efeitos preju-

(*) Conferencia realizada na Associação Christã de Moços em 30 de Agosto de 1930 (São Paulo).

diciaes, em geral, só se manifestam tardiamente, quando o individuo já está escravizado pelo vicio e delle se não pôde liberar, tão grande é a força do habito.

Eis porque deliberei iniciar a minha palestra de hoje fazendo algumas considerações sobre a nocividade do tabagismo.

Os perigos para a saude consequentes ao uso e abuso do tabaco, são, na realidade, muito mais frequentes e serios do que em geral se imagina, determinando uma serie de disturbios na saude, que o fumante attribue, na maioria das vezes, a outras origens, tão convicto está que esse vicio não pôde acarretar consequencias, ou, si acarreta, são tão pequenas que se não justifica o seu abandono. Esse modo de pensar está, porém, longe de se approximar da realidade, como procuraremos demonstrar citando exemplos e opiniões dos mais acatados medicos do mundo. Vejamos, antes, um pouco de sua historia:

O culto do tabaco, segundo Legrain, tem sua origem relativamente recente na Historia da Humanidade. As Chronicas não assignalam a sua existencia antes do XVI.º seculo, época em que a Europa invadiu a America para civilisal-a, mas, ao invés de procurar levantar o Novo Mundo ao seu proprio nivel, soffreu tambem a influencia deste, deixando-se contaminar pelo vicio ahi reinante, do uso do tabaco. Montaigne chegou, a esse respeito, a fazer a seguinte observação: „Não teria o tabaco vindo do Novo Mundo para matar o Velho?”

Si bem que o fumo fosse conhecido entre os pretos da Africa, o uso generalizado desse vicio existia entre os pelles vermelhas da America do Norte, onde se o considerava planta medicinal e ao mesmo tempo venenosa, cujo succo era utilizado para envenenar a ponta das flechas. Sob todas as fórmas era elle utilizado pelos indios, que mascavam a folha e aspiravam o pó.

Segundo Christovam Colombo, os hespanhóes surpreenderam muitas vezes os indios envoltos em densa fumarada, que se desprendia de certa planta queimada. Os selvagens costumavam aspirar essa fumaça por longos canudos, por elles denominados *tabaco* (d donde o nome tabaco).

Tendo descoberto que o tabaco tinha qualidades ebriasas, hespanhóes e portuguezes disseminaram o seu uso na Europa, onde fez furor, iniciando-se logo o seu plantio em alta escala.

Na França, o tabaco foi introduzido pelo seu ministro em

Portugal, de nome Nicot, donde o nome Nicotina. Segundo Denis, naquelle paiz o tabaco entrou pelas narinas, porque se generalizou sob a fórma de pó — o celebre rapé, usado na Côte pelas mais altas figuras da aristocracia, entre as quaes Catharina de Medicis.

Não tardaram as medidas tendentes a cohibir a diffusão do vicio. Henrique VIII fazia fustigar os fumantes. A rainha Elizabeth ordenou que fossem confiscados os cachimbos. Mas tudo foi em vão e o vicio logrou implantar-se em todos os paizes do mundo, não obstante os prejuizos delle decorrentes.

A intoxicação provocada pelo tabaco é devida á nicotina, veneno de enorme toxidez; basta notar que uma só gotta introduzida no bico de uma pomba é o sufficiente para mata-la no curto prazo de um minuto. Comquanto sómente uma parte da nicotina, não decomposta, seja aspirada com a fumaça, ha ainda outras substancias toxicas que o fumante absorve, constituidas por bases de pyridina, acido cyanhydrico, ammoniaco, acido sulphydrico, oxydo de carbono, etc., cuja acção, combinada com a da nicotina, é extremamente prejudicial á saude do homem.

Os efeitos do fumo se exercem sobre todo o organismo humano, entrvando as trocas organicas, tanto assim que os fumantes ganham sempre em peso quando deixam o vicio. A resistencia physica tambem augmenta consideravelmente nos que abandonam o fumo, prova evidente da sua influencia nefasta.

A intoxicação chronica pela nicotina se traduz, a principio, por um ligeiro mau estar, estado levemente vertiginoso, oppressão thoraxica, palpitações, digestão difficil, coloração amarellada das conjunctivas e mucosas devida a um estado sub-icterico, bronchite chronica, etc. Mais tarde, com o correr dos annos, surgem affecções cardiacas, espasmos vasculares, sobretudo dos vasos do coração, tanto assim que ha uma grande corrente que considera a angina do peito como de origem tabagica, dada a grande percentagem de anginosos entre os fumantes inveterados, em contraste com o pequeno coefficiente fornecido pelos não fumantes.

Para o lado do systema nervoso, numerosos são os symptomas devidos á influencia da nicotina. Nos consultorios dos especialistas apparecem, com frequencia, individuos que se queixam de vertigens, perda da memoria, insomnias, névralgias,

caimbras, ligeiro estado de depressão e até de impotencia. Si o clinico nota que o portador desses symptomas é um fumante inveterado e o adverte dos efeitos do tabagismo, percebe logo um riso de incredulidade do doente, tão grande é a convicção de que o tabaco é inoffensivo para a saude.

Ha ainda a assignalar o facto dos fumantes, quando esgotados por grande trabalho mental: — estudantes em vesperas de exames, intellectuaes em periodo activo de produção, commerciantes em épocas de grandes preoccupações, costumarem exceder-se no fumo, aggravando assim o estado de depressão nervosa.

O fumo prejudica, como todos os toxicos, muito mais os individuos jovens. em periodo de crescimento, razão porque os moços devem ainda ter maior precaução, evitando, além do fumar, o permanecer em quartos e salas fechados, onde se respira atmospheria viciada pela fumaça.

O fumo, nestes ultimos annos, está se generalizando tambem no sexo feminino, razão porque vem preocupando os legisladores de varios paizes do mundo, desejosos de salvar o bello sexo de tão feio habito.

Os jovens que anseiam por parecerem adultos, imbuidos pelo tolo espirito de imitação, apresentam-se em publico de cigarrinho entre os dedos, a lançar largas baforadas, certos de que estão sendo objecto da attenção de todo o mundo e que o acto de fumar faz com que sejam alvos de maior consideração.

Um notavel autor allemão que estudou esse assumpto, Seaver, observou durante tres annos os alumnos de uma escola, estabelecendo relação entre o peso, o crescimento, a circumferencia do thorax e a capacidade respiratoria, entre os fumantes e os não fumantes.

As conclusões a que chegou aquelle autor foram impressionantes, a ponto de merecerem a attenção de grande numero de educadores da Allemanha.

Não padece duvida que a parte principal da defesa contra os perigos do tabaco depende da educação. Os jovens, para a educação da vontade, devem ser abstinentes completos, o que nada lhes custa; basta apenas que se não deixem levar pelo mau exemplo dos companheiros mais velhos, que induzem

os jovens a se entregarem ao vicio, para não serem os unicos apontados como viciados.

Todos aquelles que se dedicam ao professorado, sobretudo, devem evitar o fumo. De nada vale dizer que elle é nocivo, quando essa affirmação é feita envolvida em fumaça.

Outro ponto que não pôde deixar de ser mencionado, quando o tabagismo está em jogo, concerne ao problema economico. Só na Allemanha, em 1927-29, foi consumida uma verba de 6 milhões de contos de réis com a aquisição de tabaco.

Attentae para a formidavel somma que entre nós se depende só na propaganda de certas marcas de cigarro. Esse enorme capital, applicado em obras pias e educativas, redundaria num beneficio incalculavel, com a vantagem de auxiliar a conservação da saúde, ao invés de concorrer para prejudical-a.

Feitas essas considerações sobre o fumo, cujos efeitos são, por assim dizer, relativamente attenuados quando se estabelece um paralelo com os maleficios decorrentes de toxicos de outra natureza, vejamos agora quaes as consequencias do peor dos vicios sociaes, do mais generalizado e que maior numero de victimas faz — o alcool.

Por certo já estaes fatigados de ouvir fallar do alcoolismo e já se torna enfadonho proseguir na campanha anti-alcoolica neste meio, mas, Senhores, si nas camadas cultas, si entre aquelles que se preocupam com os problemas sociaes já não ha mais razões para insistir, muito ha ainda a fazer entre os nossos compatriotas incultos, para os quaes o domingo é o dia da taberna, do crime, da desgraça, onde se esvae até o ultimo vintem ganho no mourejar de sol a sol dos dias da semana. Emquanto isso, filhos degenerados e mal nutridos seguem as pégadas dos paes, assistindo desde cedo ás scenas brutaes do alcoolismo.

Não me canço de cuidar desse assumpto, porque o tenho sempre vivo na memoria, a todo instante, em todos os campos em que exerço a minha actividade.

No Hospital de Juquery raro é o dia que se não registra a entrada de um alcoolatra, deixando atraz de si um cortejo de miserias.

Na Penitenciaria, ao cuidar dos pedidos de livramento con-

dicional, se nos depara grande percentagem de individuos de boa indole, que se tinham revelado bons elementos para a sociedade, que transpuzeram os portaes daquella casa levando na consciencia o remorso de terem, certa noite, se excedido em libações alcoolicas.

Si recebo um pedido de internação na escola de anormaes e indago dos antecedentes hereditarios da pobre creança, ainda e sempre o alcool é o grande responsavel. Como é possível permanecer indifferente a tantos espectaculos de dôr e de miseria, quando se tem a certeza de que, mercê de uma campanha bem orientada, grande numero desses casos poderiam ser evitados?

Eis porque, meus jovens amigos, necessario se faz despertar a consciencia da mocidade brasileira, desses jovens que obscuramente, pelo exemplo e pela acção, constroem as bases fundamentaes da nossa grandeza, incitando-os a cooperar nas grandes campanhas de interesse colectivo.

Na escola primaria, nos centros educativos, nas Universidades, é que se deverá fazer o ensino anti-alcoolico, demonstrando, com exemplos concretos, os prejuizos multiplos para o individuo e para a sociedade, redundantes do uso e abuso do alcool.

Nunca a occasião se me afigurou mais propicia do que esta, em que os nossos homens publicos, ouvindo o echoar das nossas vozes, cuidam de legislar sobre o assumpto.

Procuremos dar o nosso apoio incondicional aos que assim agem, tornando ainda mais intensa a cruzada anti-alcoolica, sobretudo no meio operario e nas zonas ruraes, onde se bebe porque se ignora que o alcool é nocivo á saude do corpo e do espirito.

Na Suissa, onde o ensino anti-alcoolico está generalizado a todas as escolas, o Dr. Revilliod, encarregado desse curso em Lausanne, fez ha pouco interessante conferencia, demonstrando que o alcoolismo é o prototypo das molestias ditas sociaes e que, começando pelo individuo, se estende á familia, á nação, tornando-se uma pandemia universal.

Entre as suas causas figuram os factores psychicos:

1.^a— Absorção de pequena quantidade de bebida alcoolica que, como toxica que é, determina agradavel excitação, seguida de impressões variadas, illusorias.

2.^a — Circunstancias varias que levam a procurar taes impressões: sentimento de inferioridade; necessidade de imitação; factores sociaes: costumes, annuncios suggestivos, preconceitos, o cabaret substituindo o lar, a miseria, etc.

O alcoolismo individual é, essencialmente, uma molestia do character. O alcool se assesta, sobretudo, nas cellulas nervosas da cortiça cerebral, entravando as funcções psychicas superiores e creando modificações da consciencia, levando o homem a entregar-se ao veneno creador de illusões.

As doses grandes de alcool paralysam o freio moral e dão livre expansão aos instinctos primitivos. A intoxicação chronica enfraquece a vontade, diminue as faculdades affectivas superiores, concorrendo para o desenvolvimento do egoismo.

As molestias sociaes, como as doenças infectuosas, susceptiveis de contagio, reclamam medidas collectivas, visando circumscrever o mal, isolando os já contaminados, preservando os que ainda não foram atingidos.

Eis porque se impõe o isolamento dos alcoolatras; a limitação dos focos de disseminação, no caso os botequins, tabernas, bars, etc.; a regulamentação da fabricação e da venda; finalmente, a prohibição de reclames suggestivos de bebidas alcoolicas.

Mas, meus Senhores, o melhor meio de se evitarem as toxicomanias, segundo Potet, reside na melhoria do psychismo individual: nos individuos normaes, o espirito de imitação cego deve ser combatido, ou pelo menos submettido ao controle da razão; nos desequilibrados constitucionaes, nos neurasthenicos, nos abulicos, dever-se-ão desenvolver as energias psychicas, afim de auxiliá-los a combater as impulsões.

Deveis, meus jovens amigos, sempre que se vos offerecer occasião, toda vez que uma pessoa das vossas relações estiver na iminencia de ser escravizada pelo alcool, empenhar todas as vossas forças no sentido de salvá-la, como vos empenharieis si porventura assistissem a um individuo prestes a afogar-se ou correndo risco num incendio.

Dae o vosso apoio a todas as iniciativas que visarem o combate ao alcoolismo; prosegui sem desfallecimentos; alistae-vos nas fileiras dos abstemios com o mesmo ardor combativo daquelles que se alistam nas fileiras de um exercito que marcha em defesa da Patria invadida.

Que as vossas armas sejam a palavra e a pena, assentadas em todas as entradas por onde o inimigo pretender insinuar-se, porque só assim poderíamos salvar milhares de lares brasileiros da mais cruel das desgraças.

Devo confessar, antes de terminar, ao agradecer a honra que me destes de ocupar a vossa tribuna, que em nenhuma outra eu me sinto tão bem para fallar sobre esse thema como nesta da Associação Christã de Moços, onde se formam mentalidades na escola do dever, da honra e da abstinencia, realizando obras de puro idealismo, que algum dia hão de transformar esta grande Patria nossa no Brasil que almejamos.



Combate ao alcoolismo e protecção ao alcool-motor (*)

Projecto n.º 209 - 1930

Apresentado á Camara dos Deputados em 15 de Agosto de 1930.

RELATOR

Prof. Dr. Afranio Peixoto

(Justiça, 71 — Finanças, 285, de 1930)

Justificação

Parecerá, a muita gente, uma questão resolvida. As questões de interesse estão sujeitas a perpetua controversia. Então, contra o interesse geral, inerte e passivo, levantam-se todos os dias interesses particulares, dissimulados, porém exigentes. Ninguém, por pudor, defende mais o alcoolismo; todos querem, ferventemente, salvar o alcool.

Qualquer combate, pois, ao alcoolismo, tem, por condição inicial, a protecção do alcool. Derival-o de bebida nefasta, para utilidade productiva. Dar combate ao alcool-bebida com o alcool-motor.

São estes os postulados pragmaticos que se offerecem a todos quantos tem posto o problema em termos de solução. Comtudo, embora a variedade de meios, tres soluções symbolizam os variados modos de combater o alcoolismo.

Solução escandinava

Na Suecia e na Noruega regras severas regulam a producção, o commercio e o consumo do alcool, com a finalidade unica de combater o alcoolismo, sem preocupação ou cobiça fiscal. As restricções de minimo e maximo de producção levaram o fabrico da aguardente e do alcool a ser objecto de grande industria, o que permittiu melhor fiscalização e grande diminuição industrial.

(*) Considerando a importancia do projecto de combate ao alcoolismo, apresentado á Camara dos Deputados pelo Prof. Afranio Peixoto, deliberámos transcrevel-o na integra, assim como a brilhante exposição feita por aquelle eminente brasileiro.

Com efeito, em 1830 a Suecia possuía 173.000 distillarias sem fiscalização, que, em 61, eram apenas 590, fiscalizadas, para, em 1908, serem sómente 120, diminuindo sempre fabricas e fabricação.

Na Noruega, em 1848 havia 1.387 distillarias, para, em 1916, chegarem a ser apenas 20.

A venda do alcool e das bebidas alcoolicas, a venda a retalho, é feita por meio de sociedades concessionarias anti-alcoolicas, *Bolags* na Suecia, *Samlags* na Noruega. Os vendedores ganham ordenado e devem ser abstemios: não têm, pois, interesse em servir nem incitar ao freguez. Taes vendas são bastante afastadas umas das outras e devem servir tambem alimentos. Horas de abertura e fechamento são reguladas; ha restricções nos dias de festa. Tal é, em linhas geraes, o systema de Gothborg (Suecia) ou de Bergen (Noruega), que reduziu, em um seculo, dous paizes dos mais intemperantes do mundo em dois dos mais sóbrios.

Solução russa

Diante da intemperança nacional e do descalabro das finanças, De Witte, em 1894, fez o monopólio da fabricação, reificou o alcool de bebida, deu-lhe preço remunerador, impediu a venda proximo ás igrejas, escolas, casernas, fabricas, proibindo a venda das bebidas em certas horas e dias consagrados. O preço fixo e á vista impedia o escandalo dos ganhos illicitos, e vendas a prazo, que oneravam o consumidor. Essa obra moral foi tambem sanitaria; comtudo, não restringiu o consumo, portanto não combateu o alcoolismo: os russos continuaram a beber mais de 3 litros de alcool por habitante-anno. Proveito enorme foi o da Thesouraria. Em 1913 os lucros do Estado com o alcool orçaram em 163 milhões de rublos ou 1.058.160 contos ao cambio da ocasião. Ainda nas vespervas da Grande Guerra, 21% das receitas totaes do colossal imperio vinham da venda do alcool.

As derrotas russas, de exercitos bebados feitos prisioneiros, deram forças ao Tzar para supprimir, com a sua autoridade religiosa e policial, as bebidas alcoolicas. Os resultados foram milagrosos: hospitaes vasios, hospicios despovoados, contados suicidios, crimes restrictos, caixas economicas repletas, o dinheiro da wodka sobrando para a alimentação da familia.

Tudo, dizia propheticamente Bechterew, seria maravilhoso, se a volta á consciencia de um povo, até então manietado pelo alcoolismo, não prenunciasse grandes acontecimentos. Foi a Revolução.

Solução americana

Até 1914, nove Estados americanos tinham abolido o trafico do alcool. Entre 1914 e 1918 vinte e tres adoptaram a prohibição das bebidas alcoolicas. A decima-oitava emenda á Constituição, prohibindo o alcool, é de 18 de dezembro de 1917. Entre 18 e 19 as legislaturas de quarenta e cinco Estados raticaram o acto da Sexagesima Quinta Legislatura.

Finalmente, o Estado retardatario de New Jersey, em 9 de março de 22 tambem o ratificou e, como todos os outros, por grande maioria. A lei Volstead, definindo as bebidas prohibidas e dando sancções e meios de effectuar a prohibição, é de outubro de 1919; vetada pelo Presidente Wilson, foi immediatamente rejeitado o véto pelo Congresso, em 28 de outubro. Emenda da Constituição e lei Volstead entraram em effectividade em 17 de janeiro de 1920.

O que tem sido a Prohibição americana não é facil dizer. O que diz a Europa, interesseira em vender alcool, é facil de imaginar. O Canadá e Cuba, proximos, são tentações e bom negocio para os contrabandistas. O alcool não foi supresso e, de má qualidade, embora por preços exorbitantes, acha compradores e victimas. Ha um exercito empregado em impedir o contrabando. Só em 1929 o orçamento das despesas da Prohibição foi de 25 milhões de dollares. Se ainda se discutem os beneficios sanitarios e judiciarios, o trabalho melhorou, as caixas economicas se enchem e os depositos bancarios augmentam; sóbe o bem estar e o conforto, sem o alcool. O maior beneficio é, porém, moral. E' para o futuro. Disse um humorista que a Prohibição, como a reforma orthographica, se refere, principalmente, ás novas gerações: os contemporaneos continuam a beber, seja como fôr, e a escrever como aprenderam, por não tomarem habitos mais decentes ou mais simples.

Que systema nos conviria ?

Nenhum destes. O alcoolismo ainda não nos pesou na consciencia publica para exigirmos do Governo um grande sa-

crifício. Culpa talvez da propaganda, mas é facto. Não concebemos uma legislação, mesmo restrictiva, á escandinava, ou monopolizadora, á russa.

Uma lei „secca” tem para nós merito mais imitativo do que persuasivo. Convem, entretanto, esclarecer porque só os Estados Unidos da America do Norte tentaram, até agora, tão tremenda experiencia.

O exemplo que estão dando ao Mundo é talvez o maior da historia humana. Não surprehenderá que a historia da humanidade se divida um dia em duas eras, antes e depois da Prohibição.

Com effeito, depois de vencer a natureza com a sciencia, de vencer os outros homens nas guerras, pela primeira vez o homem busca vencer a si proprio, nos seus vicios e appetites. A lei „secca” americana é o maior acto de contrição e penitencia que já fez a humanidade. São justos, pois, todos os votos e todos os receios pelo seu exito.

As condições que levaram os Estados Unidos a decretal-a não existem em outras partes. De facto, as ultimas gerações americanas vinham do berço, da escola, da universidade, da igreja, dos comícios... na imprensa, no livro, na vida, impregnados de santo horror a uma negregada instituição, a dos *saloons*, casas promiscuas, mixtos de „bar,” de botequim, „cabaret” ou sala de dansa, roleta e cartas, conventilho, finalmente, em que o jogo, a prostituição, o crime, conduzidos pelo alcool, perseveravam, escandalosamente, á face de Deus e dos homens dignos desse nome. O alcool trazia-os ou os reunia. O escandalo lhe era devidamente imputado. Pouco importava, pois, a essas gerações revoltadas por longa propaganda, para acabar essa ignominia, que percesse uma riqueza nacional.

Maurice Rouvier, um presidente do Conselho em França, dissera: „Não somos bastante ricos para combater o alcoolismo.” A America sentiu-se bastante prospera na Guerra, para tentar tambem tal ousadia.

Por causa dos *saloons* veiu a Prohibição, com a emenda 18^a da Constituição, uma luta de vida e de morte, muitas vezes, contra o contrabando e um dispendio de cerca de duzentos mil contos, o orçamento de muitos pequenos Estados para defendel-a.

Nas outras nações, sejam quaes forem as desgraças do al-

coolismo, o caso não é comparavel. Se ás vezes se ajuntam, o alcool, o jogo, a prostituição e o crime, em geral, trabalham por ahi, aos pares, ou isoladamente. Não formam em parte alguma, juntos, a *societas sceleris* que moveu a santa indignação puritana da America que, procurando ferir de morte os *saloons*, atacou mortalmente o alcoolismo. O alcool prohibido está pagando por si... e pelos outros, que elle protegia ou suscitava aliás.

Contra o alcoolismo

Não foi, entretanto, uma injustiça. Se os malfeitos do alcoolismo não bastam, sós, para uma lei „secca,” ha mais do que virtude em emprehender-lhe o combate, ao alcool, mais do que honra em proseguir a nessa luta anti-alcoolica: ha imperioso dever de salvaguardar a saude, a geração, o trabalho, a moralidade, que são os bens da vida, contra os quaes elle attentava.

Um homem de Estado, sagrado pelo genio e pela virtude, resumiu-lhe com justiça, nestas palavras, o libello crime accusatorio. „O alcool, disse Gladstone, faz hoje em dia mais destruições que esses tres flagellos historicos: a fome, a peste, a guerra. Mais que a fome e a peste dizima; mais do que a guerra mata; e faz mais que matar, deshonra.”

Por uma perversão humana, o homem fez das fêzes de uma bacteria — o alcool é o producto de desassimilação de um *saccharomyces* — fez dessas fêzes sua delicia. Não precisa chegar á embriaguez, intoxicação aguda, para ser nocivo. O uso moderado acaba por trazer a intoxicação chronica, ou alcoolismo. Ora, o alcoolismo é a perda da saude do corpo — estomago, figado, rins, coração, vasos, nervos, atacados pelo veneno; é a perda da saude mental, a embriaguez, o delirio alcoolico, o *delirium tremens*, a epilepsia, todas as psychoses, das quaes o alcool é causa occasional, quando não é a concorrente ou determinante; é finalmente a degeneração da raça, pois os filhos de alcoolistas são tarados e predispostos, na infancia, á meningite, ás convulsões, á deficiencia mental, e, depois, á loucura e ao crime.

As estatisticas provam que o alcoolismo intervem em 33% dos casos de morte nos hospitaes, sendo em 10% a causa principal e em 23% a accessoria. Não contando os casos ainda

mais numerosos de para-alcoolismo em que a pneumonia, a febre typhica, a variola, a cholera, os traumatismos se agravaram e foram fataes, pela nefasta influencia do alcool. Bastam dous axiomas medicos, de dous grandes sabios contemporaneos, para affirmal-o, da peste branca. „A tuberculose contrahe-se, disse Hayem, no „zinco” (no botequim).” „O alcool prepara a cama da tuberculose,” disse Landouzy. A mortalidade dos bebedores, testifica Neisson, é tres vezes maior que a da população geral. Uma estatistica de sete importantes companhias de seguros, inglezas e americanas, sendo 100 a mortalidade geral, dá 86 para a dos abstinentes e 114 para a dos bebedores, ou abstinentes, e até 174 para os que eram alcoolicos com algum exaggero. Note-se que taes companhias seguram não viciosos ou excessivos, mas apenas os que não abusam de bebidas alcoolicas.

A *loucura alcoolica* é um terço, 28 % em Paris e Rio de Janeiro (Henrique Roxo dá 32 %), 42 % em Londres e Buenos Aires e 66 % no Wurtemberg, do total dos casos de alienação mental. Dos *suicidas*, 20 a 30, ou mesmo 38 na Russia, em 100 são alcoolistas. Dos *criminosos* encarcerados, 28 % de differença; outra, de *Mutual Life*, dá 88 para a dos 43 % praticaram o crime sob a influencia immediata do alcool. Em 100 bebedores, *todos* possiveis criminosos, 66 (Benon), promoveram effectivamente reacções medico legaes.

Na Allemanha, 50 % dos crimes e delictos são commettidos sob a influencia dos excessos alcoolicos (Krafft-Ebing). Este numero é apenas médio daquelles distanciados e mais altos, que a observação fornece. Baer, em um inquerito feito em 120 casas de prisão, que comprehendiam 32.827 detentos, achava o alcoolismo em 13.706 delles, ou 41,7 %; dos homens, 53,6 % eram bebedores de habito e 46,9 % bebedores accidentaes; das mulheres, 39 % bebiam por acaso e 61 % eram inveteradas. Na Belgica, Masoin achou os mesmos numeros aterradores: dentre 3.006 condemnados, 1.396 eram bebedores chronicos ou 46,5 %: a proporção dos sentenciados á prisão e aos trabalhos forçados, á pena de morte, era, respectivamente, 44,7 %, 54,6 %, 59,9 %. Entre 2.263 condemnados, 435 estavam ébrios na occasião do crime: pela prisão, trabalhos forçados, pena ultima, repartiam-se na proporção de 16 %, 40,7 %, 43,1 %. Em França, só na prisão de Santa Pelagia, Marambal, de um conjun-

cto de 2.932 detentos, tirou 2.109 bebedores ou 72 % de alcoolistas.

Por toda a parte, Feketin, na Hungria, Shaffrot na Suissa, Dulkof, na Dinamarca, Krol e Grigorieff, na Russia, depõem no mesmo sentido. De 7.560 individuos presos no Rio de Janeiro, por delictos diversos, 6.000 são alcoolistas; de 2.000 suicidas, metade eram bebedores (Afranio Peixoto).

O alcool e o trabalho

O *leader* socialista belga Vandervelde disse uma vez: „O alcool é o opio do proletariado.” Ficou muito aquem da realidade.

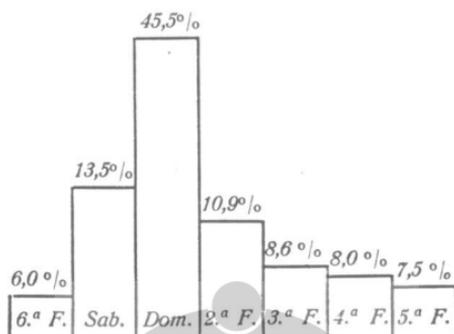
Chauveau, experimentalmente, determinou que, substituindo o assucar pelo alcool, na ração de trabalho, o rendimento deste era menor, na proporção de 7:10. Verificou, ainda, que não só o trabalho diminuia, mas houvera maior dispendio de energia para o trabalho realizado, o que determinava diminuição de peso.

Experimentou Aschaffenburg em typographos: um quarto de hora antes do trabalho, um calice (37,5 grs.) de vinho grego determinava 15 % de redução do trabalho. Experiencias foram feitas na Inglaterra com dactylographos, aos quaes se ministraram 45 c.c. de whisky: após a refeição, 1,7 de erros supplementares; duas horas depois da refeição, os erros supplementares eram 2,5 a 2,9; tres horas depois da refeição, já eram 7,6; em jejum, chegavam a 10,2 os erros supplementares.

Carneggie, por isso, nos Estados Unidos, pagava aos seus operarios 10 % mais, sobre o salario, aos abstinentes, não como premio moral, mas como justa retribuição de mais e melhor serviço. Tambem é de Henry Ford esta verificação do alcool no trabalho.

Nesses meios operarios, onde o alcool diminue o rendimento do esforço, aumenta proporcionalmente o crime. Basta ver a distribuição dos delictos pelos dias da semana. Com o repouso hebdomadario, os operarios, tambem os estudantes, soldados, empregados no commercio, finda a semana e recebida a fêria, vão aos botequins e cafés e começam a exceder-se no alcoolismo: a criminalidade minina, na sexta-feira, aumenta logo consideravelmente, no sabbado, attinge o maximo no domingo, é ainda forte na segunda (*ressaca*, operarios que fal-

tam ao trabalho), para diminuir gradualmente até á sexta-feira, de novo, em um rythmo constante, que só tem esta causa.



Proporção dos crimes contra a pessoa nos dias da semana (média das observações reunidas de Lang, Kobblinski, Aschaffenburg), segundo Afranio Peixoto, „Psicopatologia forense,” pag. 88.

Otto Lang, em Zurich, von Kobblinski na Prussia Rhena-na, Aschaffenburg em Worms e Heidelberg, todos, confirmam essa averiguação: 43 % (Kobblinski) ou até 47,5 % (Aschaffenburg) dos crimes de semana são commettidos no domingo e pelo alcool!

Quanto á natureza desses crimes, são principalmente de violencia, crimes corporaes, offensas phisicas, assassinios, attentados contra o pudor, que promove o alcoolismo (Baer). Kraepelin e seus collaboradores deram a razão psychologica, por experimentação: o processo psychico que vae de uma incitação á resposta motora é abreviado pelo alcool, quasi suppressa a phase de elaboração mental, seguindo-se a reacção desproporcionada. O que seria somenos, por lento e deliberado, no individuo normal, precipita-se, sem freio, nem correlação, exagerado, impulsivo, violento, no alcoolista.

Uma estatistica de mortalidade, nesses meios operarios, revela factos importantes. Em mais de nove milhões de obreiros, Tatham, na Inglaterra, apurou os seguintes dizimos mortuorios por 1.000 pessoas, entre 25 e 65 annos: 9,9 era o da população agricola activa; armazens, vendas, quitandas 10,9; criados, serviço domestico 12,4; empregados de caminho de ferro 13,5; olaria ceramica 28,0; as mortiferas industrias do chumbo

29,7; e acima de todas as profissões, os vendedores de bebidas a retalho, 33,0 obitos por 1.000.

A força de incitarem e venderem aos outros, caem victimas da propria sedução. Até a venda do alcool não é meio de vida, não também de morte.

O alcoolismo nos tropicos

É muito mais perigoso do que nas regiões frias e temperadas. A experiencia demonstrou que as tropas francezas na Argelia e inglezas no Indostão, resistem menos ao alcoolismo, do que na Europa. Os hygienistas europeus, unanimes, depõem do facto, embora não lhe dêem a razão, parecendo mais um defeito dos nossos climas, que, nem esses deleitosos vicios permitem. A razão é, entretanto, obvia. O alcool, combustivel poderoso, emprega-se, nas regiões frias, em parte, pelo menos, para a calorificação organica; aqui, desnecessario para isso, todo se emprega em deteriorar o „motor,” já aquecido pelo clima.

O nosso proselytismo anti-alcoolico não chegará a dizer que, no Rio de Janeiro, se bebe como em Paris, por exemplo. Aqui, ha derivativos, café, guaraná, refrescos, menos usados do lado de lá. Entretanto, é a mesma a quota da *loucura alcoolica* nos hospitaes de alienados, 28 % do total dos insanos. É um depoimento do maior perigo do alcool entre os tropicos: mesmo usado em dose menor, produz o mesmo ou maiores efeitos, do que nos climas frios. Vimos que, no Rio, 50 % dos suicidas e 80 % dos detentos são alcoolistas.

A observação dos clinicos depõe, diariamente, por casos desta ordem. Um europeu, inglez ou escandinavo, alcooliza-se regularmente, durante decadas, no seu clima; vem para aqui, Amazonas ou Bahia, continúa os mesmos habitos, e, em alguns annos, está enterrado. Considere-se, agora, o que se bebe no Brasil tropical... Um depoimento só. Oswaldo Cruz trouxe de sua viagem á região do Madeira e Mamoré esta impressão: „O consumo do alcool ahí, é fabuloso.”

O nosso José Bonifacio teve uma intuição historica genial: „Si os Romanos conhecessem as bebidas alcoolicas distilladas, não temeriam aos Barbaros.” Aquellas, destes, os defenderiam. É com este veneno, mais do que pela força das armas, que o imperialismo colonial europeu subjogou as rebeldias autochtonas nas outras quatro partes do mundo.

O alcool e a syphilis destruíram, de mãos dadas, os Pelles Vermelhas, na America do Norte (Lauder Brunton). O alcool e a variola acabaram com os indigenas brasileiros. Elles tinham, os nossos selvagens, disse Capistrano de Abreu, infinidade de *cauins*, preparados com as nossas diversas fructas e raizes, mastigadas e fermentadas, especie de vinho ou cerveja, de que usavam, dias seguidos, dansando e bebendo até cahirem de somno e de fadiga, por bebedice e cansaço. Quando o colonizador branco lhes trouxe a aguardente, o *cauim-tátá*, cauim de fogo, queimaram-se nelle. Os negros da Africa resistiram mais tenazmente ao captiveiro para America, em tres seculos, do que, nestas decadas, está com elles fazendo o premeditado alcoolismo dos colonizadores europeus. Gide que o diga; que o digam os viajantes insuspeitos e indiscretos ou indignados.

O combate ao alcoolismo nos nossos climas não é só um problema sanitario e moral, como nos paizes frios e temperados; é, tambem, um problema politico: trata-se de decadencia ou de eliminação, de sobrevivencia ou de affirmação da nacionalidade. E' escolher.

Protecção ao alcool

Não ha fugir. Haverá sempre Esaú e Jacob: um direito contra um interesse. O direito é mesmo, na definição de um sabio, um interesse protegido. Temos de nos submitter: combater o alcoolismo, defendendo o alcool.

Felizmente, não é aqui o caso de França, em que os „alambiqueiros,” os *bouilleurs de cru* dominam, pelo seu privilegio, a politica departamental. Gambetta poude dizer: *les debitants* (os retalhistas de bebidas) *sont les grands electeurs de la Republique*. Monarchia, de outros reis, contra os quaes só uma coisa resta a fazer: comprar e beber.

Nem é, felizmente, tão pouco, o nosso caso o caso da Grã-Bretanha, á qual preveniu Lord Roseberry: „*If the State does not soon control the liquor trafic, the liquor trafic will control the State.*” Ou a Nação toma conta do commercio do alcool, ou o commercio do alcool toma conta da Nação.

Mas é parecido. Temos alcool, que bebemos; e com que nos arruinamos, mas não temos gazolina, combustivel motor, que importamos e cada vez mais, com o que nos arruinamos.

O alcool e a syphilis destruíram, de mãos dadas, os Pelles Vermelhas, na America do Norte (Lauder Brunton). O alcool e a variola acabaram com os indigenas brasileiros. Elles tinham, os nossos selvagens, disse Capistrano de Abreu, infinidade de *cauins*, preparados com as nossas diversas fructas e raizes, mastigadas e fermentadas, especie de vinho ou cerveja, de que usavam, dias seguidos, dansando e bebendo até cahirem de somno e de fadiga, por bebedice e cansaço. Quando o colonizador branco lhes trouxe a aguardente, o *cauim-tátá*, cauim de fogo, queimaram-se nelle. Os negros da Africa resistiram mais tenazmente ao captiveiro para America, em tres seculos, do que, nestas decadas, está com elles fazendo o premeditado alcoolismo dos colonizadores europeus. Gide que o diga; que o digam os viajantes insuspeitos e indiscretos ou indignados.

O combate ao alcoolismo, nos nossos climas não é só um problema sanitario e moral; como nos países frios e temperados; é, tambem, um problema político: trata-se de decadencia ou de eliminação, de sobrevivencia ou de affirmação da nacionalidade. E' escolher.

Protecção ao alcool

Não ha fugir. Haverá sempre Esaú e Jacob: um direito contra um interesse. O direito é mesmo, na definição de um sabio, um interesse protegido. Temos de nos submeter: combater o alcoolismo, defendendo o alcool.

Felizmente, não é aqui o caso de França, em que os „alambiqueiros,” os *bouilleurs de cru* dominam, pelo seu privilegio, a politica departamental. Gambetta poude dizer: *les debitants* (os retalhistas de bebidas) *sont les grands electeurs de la Republique*. Monarchia, de outros reis, contra os quaes só uma coisa resta a fazer: comprar e beber.

Nem é, felizmente, tão pouco, o nosso caso o caso da Grã-Bretanha, á qual preveniu Lord Roseberry: „*If the State does not soon control the liquor trafic, the liquor trafic will control the State.*” Ou a Nação toma conta do commercio do alcool, ou o commercio do alcool toma conta da Nação.

Mas é parecido. Temos alcool, que bebemos; e com que nos arruinamos, mas não temos gazolina, combustivel motor, que importamos e cada vez mais, com o que nos arruinamos.

A sabedoria consistirá em combater um mal com o outro, opôr uma á outra das causas de ruinas e supprimil-as.

Si a formula achada da civilização é esta — comunicar os homens — a estrada de rodagem, rapidamente percorrida pela tracção mecanica, está realizando á nossa vista, nestes poucos annos, a civilização interior do Brasil. O que os caminhos heroicos dos Bandeirantes fizeram nos tres seculos coloniaes, o que mal fizeram as nossas parcas estradas de ferro, e os nossos rios escassamente navegados, no quarto seculo de autonomia, o automovel está realizando, em todas as direcções, principalmente nas relações vicinaes, que escapam á nossa vista de litoraneos das capitaes. Está realizando, dizemos, uma immensa rêde de intercommunicações de trafico e de relações, que, prendendo em suas malhas o Brasil todo, lhe está dando uma consciencia parcial e dentro em pouco totalizada que elle não possuia.

Não é possivel mais deter esse esforço sem mutilação, sem abdicção, sem suicidio da nacionalidade, cujo sensorio commum e profundo se fará das inter-relações de suas partes, de todas, das mais recuadas, e não, como até agora, das impressões passageiras, dos ganglions periphericos de povoamento, na superficie litoranea.

Temos de procurar combustivel para os carros motores. Com effeito, a importação de essencia para automoveis apenas de 24 milhões de litros, em 1917, mais que decuplicava, em 1927, para 278 milhões de litros; foi, o anno passado, de 410, e é, calculada pelo Dr. Severino Lessa, em 480 milhões, para 1930. Este algarismo é modesto. Pela entrada nos tres primeiros mezes de 1930, dado que não augmente, como sempre veiu acontecendo, e que no resto do anno se mantenha a mesma quota, calcula Samuel Hardmann que, até dezembro de 1930, terão entrado 351.824 toneladas de combustivel liquido, ou sejam 527.736.000 de litros de gazolina. Calculando em 500 réis o preço da gazolina a bordo; Hardmann encontra este anno um escoamento de 263.800 contos para o estrangeiro, para pagar o combustivel dos nossos motores. Estamos dissipando o nosso patrimonio, nos consumindo (os medicos chamam a isto „autophagia,“) para comprar combustivel.

O alcool de bebida que nos envenena e nos degrada se oferece para prover ao desastre.

Alcool-motor

Experiencias feitas por toda a parte demonstram que o alcool é combustivel que se pôde substituir á essencia mineral ou gasolina, nos motores de explosão.

A substituição não é exacta. Um litro de gasolina produz 7.000 calorías; um, de alcool absoluto, apenas 5.000, donde uma relação para equivalencia calorifica, de 1 de gasolina para 1,4 de alcool. Além disto, corrigivel pela quantidade, o alcool é menos volatil, sobretudo o alcool frio. Tentou-se ajuntar-lhe substancias de maior riqueza calorifica e maior volatilidade, que, lhe modificando a natureza, foram, por isso, chamados *desnaturantes*. O „alcool desnaturado,” pelo seu cheiro, seu sabor, sua composição modificada, seria improprio para a bebida.

Os desnaturantes são variadissimos: o alcool methylico, o ether, a benzina, a gasolina, o benzol, o acetyleno, a acetona, etc., visando, esta ou aquella propriedade, de preferencia: — riqueza calorifica, volatilidade, impotabilidade.

A solução „brasileira,” pois que o alcool methylico é caro, e a importar, como a gasolina, o benzol, etc., é o ether, sub-producto, ou producto concorrente, das usinas de alcool, que tende a ser adoptado. Com effeito, em Cuba e Hawaii vulgarizou-se a mistura alcool-ether; no Cabo a „natalina” é uma mistura de 45 partes de ether e 55 de alcool. Entre nós, a „usga” tem 20 % de ether, misturados a alcool a 42°; a „azulina” é alcool a 43°, com 15 % de ether e traços de azul de methyleno, por corante.

Maior importancia „industrial” parecia ter o titulo aquoso do alcool. Havia mister cuidadosa distillação, rectificação, mesmo, para obter alcool absoluto, o que é caro. E dispensavel.

A agua, nociva, não tem decisiva importancia, nas fortes concentrações do alcool, 40, 42, 43° Cartier, dada a junção do desnaturante, que lhe augmenta a volatilidade. Mais ainda: experiencias do Dr. Fonseca Costa, de nossa Estação de Combustiveis, provaram que, *aquecendo o ar pelo calor de escapamento*, os motores de explosão podem contentar-se com aguardente commum, 26 grãos Cartier, ou, mesmo com 50 % de agua, o que corresponde a 19° Cartier, cachaça que qualquer rudimentar alambique é capaz de produzir. Com effeito, um carro Ford percorreu 230 kilometros, á velocidade de 40 kilo-

metros por hora, estipulada em um concurso automobilístico, consumindo aguardente a 26º Cartier, á razão de 20 litros por 100 kilometros. Com effeito, isso é essencial, pois que o calor latente de vaporização do alcool é muito superior, tres vezes mais que o do ether, gasolina, benzol, etc. Portanto, aquecer o ar ou dar desnaturante mais volatil ao alcool. Ambas as formulas nos convem.

Quanto aos estragos, do motor, pelos acidos do alcool, elles não existem, no alcool bem distillado, ou, si existem na aguardente commum, podem ser facilmente corrigidos por alcalinos, como o amoniaco ou a pyridina: — será examinado, antes do emprego.

Maior importancia tem o facto que os vapores de alcool resistem á maior compressão, mais de tres vezes — 442 lbs. para 132 lbs. — que os da gasolina. Queimam-se elles, entretanto, mais perfeitamente, dando gazes menos irritantes, sem deixar depositos nos cylindros. Os vapores de gasolina detonam, pre-ignição da mistura explosiva de ar e gasolina, á maior pressão, o que faz „bater” o motor. Os motores em uso não são, com-tudo, exactamente, os mais proprios á queima do alcool, sinão á da gasolina, para que foram construidos. Até possuirmos os nossos, estes que nos fornecem, e que se prestam entretanto, ao alcool, continuarão a nos servir.

Este resumo, para leigos, pois que é nosso dever informar á opinião publica, visa apenas dar idéa da possibilidade de solução do problema entre nós. Vejamos agora o aspecto economico.

Produção de alcool-motor

Vimos que, em 1930, o Brasil importará para as suas necessidades, 527 milhões de litros de gasolina; em correspondencia „alcoolica” (1:1,4) teriamos de exigir 738 milhões de litros de alcool. Ora, a produção nacional é apenas de 70 milhões de litros . . .

Destes, mais de dous terços são bebidos e usados nas industrias de vernizes, perfumes, corantes, explosivos, colloidos, celluloides, seda artificial e pharmacia. Não teriamos para combustivel nem um terço. A possibilidade de desnaturação „actual” do nosso alcool vae, apenas, até metade. Não alcançaremos nem a fracção do que necessitamos . . . O que ha, dá apenas

para „rodar” em torno de Recife, de Maceió, de Santo Amaro, de Campos... os principais centros produtores de alcool.

Ha, pois, necessidade não só de desnaturar o mais possível o alcool produzido, como de proteger a produção de mais e mais alcool, para ir diminuindo a contribuição nacional sempre crescente, ao combustível estrangeiro.

Isto é possível e será a salvação da lavoura da canna de assucar, que hoje se emprega em produzir o alcool apenas com o que não dá mais assucar, a fermentação e destillação do melço, e que póde e deve derivar, para a fabricação do alcool, a maior parte da sua produção. Calcula-se que, 20 % apenas da produção nacional da canna dariam já 100 milhões de litros de alcool motor.

Ha, além disto, que estimular a produção de alcool motor por outras culturas, saccharificação de amidon, todas as possibilidades agricolas e industriaes para alcançarmos ou nos aproximarmos do desiderato economico.

Isto não nos parece possível sem a obrigação fiscal de exigir a desnaturação, pelo menos, de 50 % da produção actual do alcool ou de 35 milhões de litros, e premio que compense este sacrificio. Estes algarismos terão de crescer a dous terços, tres quartos, etc., de accordo com o augmento de produção.

Para competir com a gasolina na preferencia é necessario ao alcool motor vantagem no preço e consideravel, quando maior quantidade deste é necessario para a equivalencia em trabalho mecanico, dada a relação de 1:1,4. Desviado do maleficio de alcool potavel, teria compensação de premio. E' necessario que a sobretaxa que impuzermos ao alcool de bebida pague o premio concedido ao alcool motor.

Dada a produção de 70 milhões de litros e a obrigação de desnaturar pelo menos 50 % ou 35 milhões de litros, a bonificação orçará ao todo, em 7.000 contos de premio, no proximo exercicio.

Tomando numeros ao Dr. Severino Lessa, com a sobretaxa que adoptamos, teremos a importancia total de réis 65.213:250\$000. Com effeito, considerando o consumo médio do ultimo triennio conhecido, são estas as avaliações.

Porcentagem alcoolica	Litros de bebida	Sobre-taxa por litro	Receita total de sobretaxa
Até 4 1/2 %...	163.579.000	\$030	4.907:370\$000
De 4 1/2 a 18 %	75.443.000	\$120	9.053:160\$000
De 18 % a 27 %	9.444.000	\$180	1.694:520\$000
De 27 % a 45 %	165.194.000	\$300	49.558:200\$000
	413.630.000		65.213:250\$000

Não computamos no calculo o alcool não desnaturado, para outros empregos industriaes, inclusive desdobramentos para bebidas, e cuja sobretaxa é elevada. A quantidade delle não é pequena, pois que desnaturamos apenas metade do produzido. Temos margem, portanto.

Ora, deduzindo 7.000:000\$ pagos de premios ao alcool motor, restam para os outros onus da lei mais de 58.000:000\$

Antecedentes do nosso anti-alcoolismo

O estado de espirito que nos trouxe até aqui vem de longe.

Desde 1902, na Primeira Conferencia Assucareira da Bahia que o Sr. Miguel Calmon punha o problema em termos de solução, que até hoje não variaram e pedem apenas execução. Mostrava o exemplo das nações cultas, as vantagens do erario na taxaço do alcool de bebida, a boa applicação desse dinheiro para a instrucção publica, a assistencia, o combate ao alcoolismo, a protecção ao alcool desnaturado. Em 1912, na Camara dos Deputados, apresentava um projecto de lei sobre a instrucção publica cujos fundos eram provenientes de taxaço do alcool, de consumo isento de imposto o alcool desnaturado, restituída aos productores a differença de custo deste producto.

Em 1911, projecto de lei, do Sr. Deputado Corrêa Defreitas, autorizava o executivo a combater pelos meios mais convenientes, dentro da esphera legal, o uso do alcool em toda a União.

No governo do Pará o Sr. Enéas Martins propunha-se impôr ao alcool a obrigação de pagar a instrucção e a saude.

Em 1917, o Sr. Juvenal Lamartine alvitrava á Camara elevar o imposto de consumo sobre as bebidas alcoolicas. Proporá

Porcentagem alcoólica	Litros de bebida	Sobre-taxa por litro	Receita total de sobretaxa
Até 4 1/2 %...	163.579.000	\$030	4.907:370\$000
De 4 1/2 a 18 %	75.443.000	\$120	9.053:160\$000
De 18 % a 27 %	9.444.000	\$180	1.694:520\$000
De 27 % a 45 %	165.194.000	\$300	49.558:200\$000
	<u>413.630.000</u>		<u>65.213:250\$000</u>

Não computamos no calculo o alcool não desnaturado, para outros empregos industriaes, inclusive desdobramentos para bebidas, e cuja sobretaxa é elevada. A quantidade delle não é pequena, pois que desnaturamos apenas metade do produzido. Temos margem, portanto.

Ora, deduzindo 7.000:000\$ pagos de premios ao alcool motor, restam-nos para os outros onus da lei mais de 58.000:000\$

Antecedentes do nosso anti-alcoolismo

O estado de espirito que nos trouxe até aqui vem de longe.

Desde 1902, na Primeira Conferencia Assucareira da Bahia que o Sr. Miguel Calmon punha o problema em termos de solução, que até hoje não variaram e pedem apenas execução. Mostrava o exemplo das nações cultas, as vantagens do erario na taxaço do alcool de bebida, a boa applicação desse dinheiro para a instrucção publica, a assistencia, o combate ao alcoolismo, a protecção ao alcool desnaturado. Em 1912, na Camara dos Deputados, apresentava um projecto de lei sobre a instrucção publica cujos fundos eram provenientes de taxaço do alcool, de consumo isento de imposto o alcool desnaturado, restituída aos productores a differença de custo deste producto.

Em 1911, projecto de lei, do Sr. Deputado Corrêa Defreitas, autorizava o executivo a combater pelos meios mais convenientes, dentro da esphera legal, o uso do alcool em toda a União.

No governo do Pará o Sr. Enéas Martins propunha-se impôr ao alcool a obrigação de pagar a instrucção e a saude.

Em 1917, o Sr. Juvenal Lamartine alvitrava á Camara elevar o imposto de consumo sobre as bebidas alcoolicas. Proporá

em 20 a elevação do imposto de importação sobre bebidas alcoolicas, ao dobro.

O Sr. Gumerindo Ribas e outros, em 1918, definiam, em projecto, o vinho — bebida obtida pela fermentação alcoolica do succo de uvas — para combate á sophisticação.

O Sr. Amaral Carvalho, em 1921, apresentava projecto destinado a regular o commercio e a fiscalização dos vinhos.

Camara dos Deputados

S. S. 2-VIII-25

Emenda: *Onde convier*

E' prohibida a produção e o commercio das bebidas alcoolicas, apenas permittida a do alcool industrial.

Afranio Peixoto
Henrique Dodsworth
R. Berbert de Castro
Braz Amaral
J. Lamartine
Nelson Catunda
Carlos Pessôa
Marcolino Barreto
Marcolino Barros
Tavares Cavalcanti
W. Escobar
Gentil Tavares
João de Faria
Fidelis Reis
Augusto Gloria

Sã Filho
Basilio de Magalhães
Francisco Rocha
Baptista Luzardo
Plinio Marques
Fabio Barretto
Augusto de Lima
João Lisboa
Pinto da Rocha
Plinio Casado, para o effeito do art. 8.º
§ 1.º do Regimento.
Bittencourt da Silva
Euclides Malta
Pacheco Mendes
A. Baptista Bittencourt
Annibal de Toledo

Fac-simile reduzido de projectada emenda á Constituição (1925), que não logrou ser apresentada por falta de numero regimental dos signatarios.

Em 22, são os Deputados Joaquim Bandeira e outros que propõem emprestar aos productores de assucar e alcool combustivel ou motor, até 70 % do capital necessario para a montagem e aparelhamento de suas fabricas.

O Deputado Plinio Marques, em 23, é de parecer se prohiba, em dias santificados e feriados, a venda de bebidas alcoolicas. E' tambem de sua iniciativa e outros signatarios o projecto de 25, que regula o commercio de bebidas alcoolicas, applicando os impostos cobrados á assistencia.

Tentou um de nós, por ocasião da reforma constitucional, em 1925, uma emenda „secca,” proibindo o commercio e o consumo das bebidas alcoolicas, somente permitindo o do alcool industrial. Logrou apenas a emenda trinta e um signatarios, numero insufficiente para ser apresentada... Reproduzimos em *fac-simile* esse curioso documento de uma tentativa baldada, apenas para louvar os trintas companheiros dessa minima e vencida cruzada.

Em 27, um projecto do Deputado Paes de Oliveira, estabelecia taxas de imposto de consumo para os vinhos artificiaes.

O Deputado Lindolfo Collor, em 28, relatava outro projecto de imposto de consumo sobre vinhos nacionaes.

Neste mesmo anno, um projecto do Deputado Mauricio de Medeiros propunha elevar de 5 para 20 % a taxa addicional sobre bebidas alcoolicas.

O Sr. Samuel Hardmann e outros deputados propõem, em 29, projecto de lei destinado a combater o alcoolismo e principalmente a amparar a industria assucareira, protegendo o alcool motor.

Em 1930, projecto do Sr. Araujo Lima autoriza tambem a combater o alcoolismo e a proteger o alcool industrial.

Finalmente, o Deputado Plinio Marques, sempre no seu benemerito desigño, propõe a nomeação de uma comissão especial para estudo dos meios idoneos de combater o alcoolismo, nomeando, em 17 de agosto de 1930, o Sr. Presidente Rego Barros a comissão presente, que, no prazo maximo de trinta dias, deveria offerecer á Camara um projecto de lei.

E' facil a redacção deste. Basta ter auscultado, como o fizemos, o sentimento, a reflexão e a vontade da Camara. Basta ter tomado contacto com a opinião publica expressa pelos seus órgãos mais conspicuos, desde a representação popular como o Conselho Municipal até a administração publica como a Chefatura de Policia, desde a imprensa até as sociedades sabias e beneficentes, das quaes temos empenho em citar a Academia Nacional de Medicina, as Sociedades de Medicina do Rio e varios Estados, a Liga de Hygiene Mental, que, desde a sua fundação clama sem cessar, até a Cruz Vermelha Brasileira que vem fazendo, de muito, a propaganda anti-alcoolica. Nomes illustres avultam, que citamos, symbolizando nelles, quanto se dedicam a essa cruzada: Miguel Couto, Seve-